

## O POSICIONAMENTO COMO CATEGORIA DISCURSIVA: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE DIDÁTICA

Ivonildo da Silva Reis

*Universidade Estadual do Ceará, ivonildo.reis@hotmail.com*

### RESUMO

Numa perspectiva que vai de encontro a um ensino prescritivo da língua, o presente trabalho tem por tema a categoria discursiva do posicionamento. Pautamo-nos na concepção funcionalista da linguagem e no ensino como espaço de reflexão para criar uma atividade de leitura direcionada ao ensino fundamental de 3º e 4º ciclos. A metodologia empregada consiste numa discussão teórica aliada à proposição de tarefas que abordam o posicionamento como mecanismo utilizado nos textos, o qual se presta a influenciar os discursos dos sujeitos. Nosso objetivo é desenvolver a leitura em sua dimensão crítica a partir da conjugação dos níveis explícito, implícito e metaléptico, considerando os pressupostos da Análise do Discurso de matriz francesa, aliando-os aos aspectos sociocognitivos do discurso. Analisados como categorias discursivas, os posicionamentos podem servir para manter as desigualdades sociais ou podem se prestar à contestação das relações assimétricas de poder. Como resultado da aplicação da atividade, identificamos que a maior parte dos alunos se encontram no nível de leitura metaléptico, visto que, durante a interação e a resolução dos itens, eles relacionaram as situações abordadas no texto ao seu contexto de forma situada, identificando a categoria de posicionamento como aspecto relevante para compreensão dos sentidos do texto. Verificamos assim a necessidade de a escola adotar o ensino de Língua Portuguesa como espaço para a reflexão crítica, unindo teoria e prática, as quais emergem da visão de língua como matéria viva e cotidiana de nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Posicionamento. Análise do Discurso. Ensino. Níveis de Leitura.

### 1 INTRODUÇÃO

Ainda persiste, em grande parte de nossas escolas, uma concepção de educação voltada para a simples transmissão de conhecimentos, galgada na prescrição como proposta metodológica. No lado oposto, temos verificado a defesa

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

[www.sinafro2018.com.br](http://www.sinafro2018.com.br)

de uma pedagogia voltada à valorização dos saberes dos alunos e à reflexão sobre a realidade social da qual fazem parte. Colocamo-nos a favor de um ensino baseado na interação entre os agentes do fazer educativo, principalmente aluno e professor, comprometidos com uma concepção crítica da existência. Entendemos que a função do professor tem inegavelmente uma natureza política, não havendo, como sugerem e desejam alguns, uma suposta neutralidade na prática do educador. Coadunam com essa ideia, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa, ao elencarem os objetivos do ensino de nossa língua. Segundo esse documento orientador, o aluno deve ser capaz de

posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;  
questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (BRASIL, 1998, p.7)

Percebemos assim a necessidade de apresentar aos alunos atividades que os levem a construir posicionamentos acerca das práticas sociais que influenciam suas vidas. Entendemos que são nessas e sobre essas práticas que o conhecimento humano é produzido e deve ser a substância do ensino e aprendizagem, pois “se o momento já é o da ação, esta se fará autêntica práxis se o saber dela resultante se faz objeto da reflexão crítica” (FREIRE, 2014, p. 73).

Nosso trabalho propõe uma tarefa sobre posicionamento voltada às séries finais do Ensino Fundamental II, valendo-se para isso das fundamentações de Bakthin (2003), dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o ensino fundamental (BRASIL, 1998), da Análise do Discurso de matriz francesa, com Pêcheux (1997) e Maingueneau (2006), van Dijk (2010), filiado aos estudos da Análise do Discurso Crítica (ADC), além dos níveis de leitura propostos por Colaço (1998). Trata-se de um conjunto de questões envolvendo leitura, o qual se vale dos recursos linguístico-discursivos presentes nos textos selecionados com o objetivo de o aluno perceber como se constroem os posicionamentos discursivos.

Selecionamos uma narrativa de vida de um adolescente em conflito com a lei, uma charge e duas manchetes jornalísticas que enfocam as desigualdades sociais. Nossa postura metodológica já se configura como um posicionamento, a de ver o problema pela ótica do oprimido, dando-lhe voz. Entendemos que os posicionamentos que surgem estão clivados por outros, os quais advêm de diversos espaços e tempos, configurando o que chamamos de interdiscurso, conceito-chave para o entendimento do tema proposto. Também adotamos a concepção de que os significados vão sendo

constantemente revistos dada a experiência de vida de cada indivíduo. Esses dois processos ilustram bem o jogo dialógico próprio da linguagem humana.

## 2 ASPECTOS DISCURSIVOS DO POSICIONAMENTO

Um das premissas fundamentais da Análise do Discurso (doravante AD) centra-se no entendimento de que a linguagem não se presta apenas à comunicação, mas é constitutiva das relações sociais concretizadas por meio dos discursos. Surgida a partir dos anos de 1960, a AD tem influenciado os estudos sobre ensino das línguas maternas e estrangeiras. No Brasil, suas concepções aparecem nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, documento que norteia (ou deveria nortear) os livros didáticos e os currículos escolares:

A linguagem é (...) um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história;

Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. (BRASIL, 1998, p. 22)

Como se vê, a produção linguística do indivíduo está diretamente relacionada à interlocução, fato que se coloca dentro de um contexto. Não se pode estudar a linguagem humana sem levar em conta os fatores sociais em que ela se estabelece.

Nesse escopo teórico, Pêcheux (1997) nos assevera que o discurso está atrelado a suas condições de produção, dentre elas o espaço, o qual delimita as possibilidades discursivas do sujeito, ou seja, o posicionamento de determinada pessoa é influenciado pelo seu contexto social, histórico e econômico, ganhando força a noção de que o pertencimento a determinada classe social é um fator importante para as posições tomadas pelo indivíduo em seus discursos. Corroboram essa afirmação, os PCNs (BRASIL, 1998, p. 22): “Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias – ainda que possam ser inconscientes - mas decorrentes das condições em que esse discurso é realizado.” Não se trata, porém, de atribuir um valor determinista ao contexto na produção discursiva. Segundo van Dijk (2010), a maneira como os participantes do discurso interpretam e representam os fatores sociais dentro de uma interação situada é que determina tanto a produção quanto a interpretação dos textos produzidos pelos usuários da língua. Assim sendo, devemos estar atentos aos “propósitos (objetivos) e outras motivações subjacentes do locutor, assim como os objetivos e motivações do próprio ouvinte (...)” (van DIJK, 2010, p. 15). Ao fazermos isso, estamos também analisando

os fatores que concorrem para que determinado ator social adote um posicionamento na cadeia discursiva.

Para a tomada de posição, o sujeito se vale de representações mentais pautadas em suas experiências pessoais que envolvem ocasiões particulares em contextos específicos, memórias essas que se tornam abstrações de modo a interferirem em outras situações em que a pessoa é instada a se posicionar (VAN DIJK, 2010).

Ao adotar determinado posicionamento, as pessoas veiculam ideologias, categorizadas pela AD não como um conjunto de pensamentos. O discurso materializa as ideologias, levando em conta os mecanismos de produção social, ideia que encontra voz em Althusser (1985). Tomando como base este autor, Mussalin (2012, p. 115) assevera que:

(...) as ideologias têm existência material, ou seja, devem ser estudadas não como ideias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção. Trata-se do materialismo histórico, que dá ênfase à materialidade da existência, rompendo com a pretensão idealista da ciência de dominar o objeto de estudo, controlando-o a partir de um procedimento administrativo aplicável a um determinado universo, como se a sua existência se desse no nível das ideias.

Ao discutirem sobre ideologia, Maingueneau (2006) considera que o posicionamento é uma identidade discursiva que se reveste de grande força, já Pêucheux (1997) o insere no espaço da luta de classes. Para este último autor, a noção de sujeito está atrelada inevitavelmente à existência das ideologias. São estas que formam aquele e não o contrário. Tais autores filiam-se à AD de matriz francesa, surgida na década de 1960, para a qual a linguagem se constitui como instância mediadora entre o meio social e o ser humano, o qual se movimenta nas estruturas da sociedade produzindo discursos. Ligado à vertente sociocognitiva da Análise do Discurso Crítica, Teun van Dijk (2008) contribui de forma significativa para o estudo das ideologias enquanto estruturas formadoras dos sujeitos. Segundo o autor, o contato das pessoas com as diversas ideologias presentes na sociedade é que vai influenciar a representação mental ideológica que os indivíduos fazem nos discursos que veiculam, colaborando para a manutenção das formas de poder que são construídas.

Todo discurso, ao se constituir como uma prática social, expressa posicionamentos, isso porque nada é neutro na linguagem, conforme destacado por Bakhtin (2003). O fato de determinados grupos midiáticos calarem sobre algum acontecimento já é uma tomada de posição que se insere na engrenagem da luta de classes, luta essa histórica e socialmente situada, conforme van Dijk (2008). Adotando-se essa concepção, entendemos que nosso discurso e, por conseguinte, o posicionamento adotado por este, pode

servir de elemento para a manutenção ou contestação das estruturas sociais. Percebemos assim que há uma necessidade de se trabalhar os elementos linguístico-discursivos como um mecanismo de análise dos posicionamentos verificados nos textos que circulam na sociedade. A partir dessa análise, poderemos promover a reflexão, a qual, por sua vez, possivelmente, pode contribuir para a formação de um aluno mais crítico.

Para que seja possível tratar devidamente do tema posicionamento na AD, é preciso que se discutam as noções de sujeito e sentido. Entendemos que os sentidos não estão atrelados às palavras, como se o sujeito apenas as organizasse num grupo para que pudessem comunicar algo a alguém. Muito além do ato comunicativo em si, as palavras se prestam, especialmente, a revelar a tomada de posição do sujeito dentro de um ato discursivo, refletido na ideologia que lhe dá forma.

Diferentemente das noções cartesianas de um sujeito plano, único, concebemo-lo como um ser plural, diverso, isso porque sua constituição está (des)centrada na pluralidade dos sentidos que ele constrói, mediados por posições ideológicas e pelo contexto histórico nos quais se produz o discurso. Os sentidos são criados e recriados nas formações discursivas, de modo que

[...] o sujeito não é livre para dizer o que quer, a própria opção do que dizer já é em si determinada pelo lugar que ocupa no interior da formação ideológica à qual está submetido, mas as imagens que o sujeito constrói ao enunciar só se constituem no próprio processo discursivo. (MUSSALIN, 2012, p. 160)

Vincula-se assim o discurso e, por conseguinte, os sentidos criados em sua produção, aos contextos sociais, noção fundamental para a AD tanto de origem francesa como de vertente crítica.

Partimos da ideia de que não existe um sujeito autônomo, independente, como se já nascesse com uma essência própria. À medida que o indivíduo vai crescendo e tomando parte no mundo, ele vai se constituindo na relação com o outro, sendo clivado por outros discursos, ressignificando-os.

É preciso entender que aquilo que é dito, ou seja, os sentidos criados nos atos de linguagem, está intimamente ligado ao que já foi anteriormente dito numa relação do discurso atual com a memória. Entende-se, portanto, que o que já foi dito embasa o discurso que está sendo produzido. A esse processo, dá-se o nome de interdiscurso. O interdiscurso deve ser relacionado, também, com a posição que esse sujeito ocupa sócio e historicamente. Bakhtin (2008, p. 265) afirma: “há apenas (...) o discurso que

contata dialogicamente com outro discurso, o discurso sobre o discurso, voltado para o discurso”.

Essa concepção pode auxiliar muito as escolas, na medida em que se percebe o aluno como um ser múltiplo, culturalmente constituído. Também significa entender, através do discurso do estudante, as forças ideológicas que agem para que ele adote um determinado posicionamento. Assim sendo, a formação discursiva (as possibilidades do dizer dentro de uma comunidade social) do sujeito vai moldando sua visão de mundo, levando-o a adotar determinadas posturas, que podem ser contestadas quando do confronto com outros discursos. Dessa maneira, torna-se importante que o aluno seja capaz de identificar os posicionamentos existentes nos textos que ele lê para que possa contestar relações assimétricas de poder das quais possa ser vítima.

Quando o sujeito se posiciona em determinada situação enunciativa, seu discurso embasa-se no discurso do outro, muito embora essa relação não esteja evidente para o enunciador. É o que corrobora o pensamento:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (...) estão repletos de palavras dos outros. (Elas) introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (...) Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, (...) descobriremos as palavras do outro ocultas ou semiocultas, e com graus diferentes de alteridade. (BAKHTIN, 2003, p. 318)

Os posicionamentos que surgem no discurso nos aparecem, muitas vezes, por indícios. Nos textos jornalísticos, por exemplo, os pontos de vista adotados pelo autor, notadamente aqueles pertencentes ao campo político, podem tornar-se um artifício de manobra, tentando influenciar o jogo eleitoral, através de recursos linguístico-discursivos.

Tomemos, por exemplo, a manchete veiculada no jornal O Estado de São Paulo, do dia 23 de Novembro de 2017: APROVAÇÃO A HUCK DISPARA E CHEGA A 60%, MOSTRA PESQUISA. A primeira pergunta que surge, haja vista que a manchete não deixa claro, é: aprovação a quê? O fato de o apresentador Luciano Huck, da Rede Globo, ser um possível candidato à presidência da República deixa entrever que a suposta aprovação seria numa pesquisa eleitoral. O autor da reportagem valeu-se de um recurso da língua (a falta de um complemento para o termo aprovação) para criar o efeito desejado, ou seja, propagar a ideia de que o apresentador teria grandes chances de ser eleito. Para tentar dar mais credibilidade à informação, o jornal veicula o fato a uma pesquisa, mas, outra vez, omite a finalidade para a qual esta foi feita.

Ao lermos a reportagem por completo, verificamos que se trata de uma pesquisa de imagem tão somente, não se levando em conta as eleições presidenciais do ano de 2018. Esse jogo de linguagem e contexto social se tornam indicadores de uma tomada de posição do veículo midiático em questão.

Voltando-nos para o sujeito, toda vez que ele insere a subjetividade num campo sócio-histórico, está adotando um posicionamento. Vale ressaltar que tal subjetividade está clivada pelos discursos que antecederam esse sujeito, sendo, por conseguinte, mais apropriado, usarmos a noção de intersubjetividade. Ao estabelecer um discurso crítico sobre outros, o estudante estaria mostrando uma tomada de posição. Será a partir da interação entre as práticas discursivas que as pessoas realizam atividades sociais e se constituem como sujeitos, implicando nisso os posicionamentos que adotam.

### **3 NÍVEIS DE LEITURA**

A proposta de atividade apresentada visa analisar os elementos linguístico-discursivos responsáveis pelos posicionamentos verificados nos textos e desenvolver mecanismos de criticidade. Selecionamos uma narrativa de vida de um adolescente em conflito com a lei, uma charge e duas manchetes de jornal cuja temática central volta-se para as desigualdades sociais.

Na elaboração das questões, levamos em conta os três níveis de leitura expressos por Colaço (1998): explícito, implícito e metalíptico. O primeiro corresponde à identificação dos elementos materiais do texto; também, baseado em sua experiência de mundo, o aluno é capaz de reconhecer o gênero textual, a situação comunicacional e construir um sentido básico a depender da complexidade do texto.

No nível implícito, já é possível entender as intenções do autor, seus posicionamentos. Há, ainda, o trabalho com as inferências. O leitor entende que não se pode extrapolar os sentidos inferidos, sendo capaz de criar uma rede possível de sentidos a partir do dito e do não dito.

O nível metalíptico corresponde à recriação, por parte do leitor, do contexto no qual se processou a criação do texto, possibilitando-lhe captar os sentidos. Nesse nível, o aluno é capaz de processar os dois primeiros níveis de leitura (explícito e implícito), combinando-os e, a partir dessa combinação, criar juízos de valor sobre as informações veiculadas pelo texto, sendo capaz de relacioná-las as suas experiências de vida. Pela natureza de nosso trabalho estar voltada à criticidade, julgamos que é nos níveis implícito e metalíptico que se dá o processo do posicionamento.

#### 4 PROPOSTA DE ATIVIDADE

Objetivo: Compreender como a categoria do posicionamento é construída a partir dos elementos linguístico-discursivos nos textos.

Os textos que iremos analisar a seguir retratam situações vividas por muitas pessoas em nossa sociedade. Leia com bastante atenção e responda as questões.

##### TEXTO 1

“Tô preocupado com a galera daqui da favela, os playboy tem os direito garantido, já tem uma escola de qualidade, eles pode sonhar com uma faculdade de direito, com uma faculdade de medicina. E nós aqui? Nossa perspectiva aqui é nós tem que lutar, né? Pra vê se nós passa dos 16, pra vê se nós passa dos 18, né? Maioria não passa”.

Du Rap<sup>1</sup>, 22 anos (trecho extraído do livro Vozes<sup>2</sup>)

1. Pseudônimo criado pelo próprio autor.
2. O livro contém narrativas de vida de vários jovens em conflito com a lei.

1. Leia os trechos da narrativa de vida acima e indique a quem se referem os termos destacados:

a) os *playboy* tem os direito garantido (linha 01) \_\_\_\_\_

b) *nós* tem que lutar né? \_\_\_\_\_

2. Levando em consideração suas respostas à questão anterior, responda: quem possui mais prestígio na sociedade? Por que isso acontece?

3. Sobre o texto, assinale com V as alternativas verdadeiras e com F as falsas:

- ( ) O autor concorda com a forma como se organizam as classes sociais.
- ( ) “A maioria não passa” se refere ao fato de muitos não passarem numa faculdade de Medicina.
- ( ) Ao perguntar “E nós aqui?”, o autor do texto se inclui no grupo dos que precisam lutar por uma situação parecida com a vivida pelos playboys.
- ( ) Segundo o texto, o autor não tem como sonhar com o mesmo futuro dos playboys.

##### TEXTO 2



Fonte: <https://glaucoortez.wordpress.com/2011/07/21/numero-de-homicidios-cai-em-sao-paulo-mas-prisoas-superlotadas-e-policia-violenta-e-mal-preparada-levantam-discussao-sobre-metodos-preventivos-e-eficientes-de-combate-ao-crime/>. Acesso em 29/12/2017

4. Reflita sobre a imagem e responda:

a) Que grupos sociais estão nela representados?

---

b) Por que um dos personagens adultos está encapuzado e o outro não? O que revela o tamanho das armas?

---

c) O que é sugerido pela posição da criança entre os dois homens?

---

d) A realidade retratada com seus personagens costuma ocorrer com mais frequência em certos locais de uma cidade. Esses locais seriam:

- |                 |                        |
|-----------------|------------------------|
| a) áreas nobres | b) shopping centers    |
| c) favelas      | d) parques de diversão |

5. Em que sentidos a realidade narrada pelo autor do texto 1 se assemelha à imagem retratada pelo texto 2?

---

7. Observe as manchetes de jornais abaixo e responda ao que se pede:

## **Quatro jovens são mortos dentro de casa em chacina no Bom Jardim**

As vítimas tinham de 14 a 20 anos. A Polícia Civil investiga as circunstâncias do crime

Fonte: <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/segurancapublica/quatro-jovens-sao-assassinados-dentro-de-casa-em-chacina-no-bom-jardim/>. Acesso em 29/12/2017.

## **Jovem negra tem 2 vezes mais chances de ser morta no Brasil, diz relatório**

**Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência traz recorte de gênero pela primeira vez. Entre os homens, risco de jovem negro ser assassinado é 2,7 vezes maior que de um jovem branco.**

Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/jovem-negra-tem-2-vezes-mais-chances-de-ser-morta-no-brasil-diz-relatorio.ghtml>. Acesso em 29/12/2017.

a) As duas manchetes abordam que problemas sociais? Por que você acha que esses problemas acontecem?

---

b) Você já foi vítima de algum tipo de violência ou conhece alguém que foi? Por que e como isso acontece?

---

## **5 RESULTADOS E ANÁLISES**

A atividade didática aqui proposta foi aplicada numa turma de 9º ano do ensino fundamental da Escola Álvaro de Araújo Carneiro, na cidade de Quixeramobim, Ceará. Trata-se de uma escola pública da rede municipal de ensino, composta por 26 alunos e alunas, na faixa etária 11 a 15 anos, localizada na periferia da cidade.

Propusemos que os alunos primeiramente respondessem por escrito as questões e depois fizemos uma discussão em grupo sobre essas respostas. Todos os alunos conseguiram distinguir as classes sociais representadas pelos personagens nas imagens (texto 1 e 2), o que pode sugerir que a divisão social é evidente e que os alunos conseguem relacionar o texto ao mundo em que vivem. A palavra “playboy” foi relacionada a status e a dinheiro, sendo que os alunos se identificaram com o “nós” (texto 1), mostrando que se incluem na classe social de menor prestígio. Ao responder que o autor do texto 1, na questão 03, não concorda com essa divisão social, a maioria dos estudantes perceberam o posicionamento do autor, embora este estivesse implícito.

Um dos alunos relatou sobre o conflito entre gangues e polícia no local onde mora, quando da análise do texto 2. Tal fato sugere a relação entre do texto e seu contexto, além da importância deste, enquanto elemento sociocognitivo (van Dijk, 2010), para o discurso, especificamente no que diz respeito ao posicionamento.

Quanto à análise das manchetes de jornal, a maioria dos alunos percebeu os negros e pobres como principais vítimas da violência, revelando que divisões sociais são a causa dela em grande parte dos casos. A relação causa-consequência explorada pela questão 7, item a, foi identificada por 17 dos 26 alunos.

As respostas escritas e as discussões empreendidas mostraram que a maior parte dos alunos consegue identificar as realidades evocadas pelos textos e relacioná-las a seu contexto, configurando um nível de leitura mais avançado, o metalítico. Assim são recriados os sentidos do texto, tendo por base a experiência de vida do estudante e sua interação com o meio social.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões empreendidas, vimos a necessidade de se trabalhar didaticamente com a categoria posicionamento enquanto entidade discursiva, haja vista se fazer necessário analisar as diversas posições veiculadas pelos gêneros da linguagem, as quais muitas vezes servem para manter as desigualdades sociais, servindo a interesses de uma classe social privilegiada. Ao elegermos essa temática, pensamos estar contribuindo para o desenvolvimento de um letramento crítico, em que se tenta romper com a falsa dicotomia entre teoria e prática no ensino de língua. Reiteramos a concepção de que os pressupostos teóricos nascem de práticas discursivas do cotidiano e sobre essas práticas podemos e devemos refletir, contribuindo para que possamos nos posicionar enquanto agentes de sociedade. Assim sendo, aderimos a uma concepção funcionalista da linguagem, bem como defendemos o ensino de Língua Portuguesa como espaço de análise discursiva.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEFM 1998.

COLAÇO, M. **Níveis de processamento de sentido.** Congresso Nacional de Linguagem e Ensino. Pelotas, UCPel, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MAINGUENEAU, D. **Cenas de Enunciação.** POSSENTI, Sírio, SOUSA-e-SILVA, Maria Cecília Perez de (Orgs). Curitiba: Criar Edições, 2006.

MUSSALIM, F. Análise do discurso (capítulo revisto e ampliado). In: Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras** – volume 2 (edição revista e ampliada). 9ed. São Paulo: Cortez editora, 2012, v. 2, p. 112-161.

OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do Discurso – perspectivas teóricas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. IN GADET, F. HAK, T. (Org.). **Por Uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux.** 3ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

TERRES DES HOMMENS. **Vozes.** Disponível em <http://www.tdhbrasil.org/biblioteca/publicacoes/578-vozes-5-edicao>. Acesso em 29. mar. 2017.

Van Dijk, T. A. **Cognição, discurso e interação.** São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. **Discurso e poder.** São Paulo: Contexto, 2008.